



A.JOSÉ C.COELHO

---

**JOSEPH SHAFAN**

**Baratas em fabelas  
e Filosofias  
fabulosas**

JOSEPH SHAFAN

# Baratas em fabelas e Filosofias fabulosas

---

© 2005 A.José C.Coelho. Todos os direitos reservados.  
E-book Caprice  
lelahel.aj@uol.com.br

---

Shafan, Joseph, 1953-  
Baratas em fabelas e filosofias fabulosas/ Joseph Shafan  
- São Paulo: A. José C. Coelho

---

—  
2005  
—

Todos os direitos reservados a  
A. JOSÉ C. COELHO  
lelahel.aj@uol.com.br

---

## Duas baratinhas caminham

***pela rua, subindo uma calçada, com o intuito de, em adentrado o quintal de uma casa, penetrar na cozinha. Estão sentindo se o caminho que fazem lhe darão a recompensa de um alimento. Enquanto caminham, dialogam.***

(b1) – Será que vai dar certo? Você acha que esse caminho, no final dele, vai nos recompensar?

(b2) – Se decidirmos viver, é preciso caminhar. Todos os caminhos levam à felicidade.

(b1) – Mas, e se não tiver alguma comida largada, algum lixo destampado, algum resto no chão? Não terá sido em vão, caminhar por esse caminho?

(b2) – Ouvi de minha mãe que “tudo vale a pena”. Se não tiver comida disponível nesta cozinha, isso irá significar que não é o final desse nosso caminho desejado... Apenas será um pedaço do nosso caminho desejado, já que no final mesmo há o encontro.

(b1) – Encontro de alimento, espero. Porque senão, vou secar no meio do caminho...

(b2) – Se você secar, então não estará no meio do seu caminho, mas sim no fim do seu caminho.

(b1) – Quer dizer que não importa o tamanho do caminho? O final, então, pode estar em qualquer parte?

(b2) – O que digo é que o que eu aprendi. Com aquilo que a minha mãe me ensinou e observando o caminho de outras. Para o nosso trilhar juntas, o caminho é conjunto. Mas não há como encontrarmos o mesmo destino, mesmo que sequemos juntas.

(b1) – Se secarmos juntas, teremos encontrado o mesmo destino, boba!

(b2) – De maneira alguma! Para você, pode ser uma limitação secar. Para mim, no entanto, quando esse momento vier, de nada poderei reclamar, já que vivi cada instante como se fosse o último. Assim, vivendo dessa maneira, uma hora eu acerto.

(b1) – Eu estou mesmo é preocupada em encontrar alimento, para não secar a qualquer momento. Se eu não me alimentar, aí eu encurto o meu tempo.

(b2) – Não há como encurtar o tempo, porque vivemos nele. Ou, melhor dizendo, o tempo não passa, nós é que passamos por ele. Ele, o tempo, é adequado conforme nós nos adequamos a ele.

(b1) – Acho que não quero falar mais enquanto caminho com você. Isso está me cansando. O que quer dizer que estou gastando energias que não sei se vou recuperar quando chegar ao alimento.

(b2) – Como desejar, companheira. Como desejar. Faça o que o coração lhe diz, mas seja franca consigo mesmo, assumindo isso. Afinal, “onde está o seu coração, aí está o seu tesouro”.

(b1) – Hmpft!

(b2) – [cantando] Dó, dó, sol/ ritmando/ a canção da Terra/ vamos entoando// Todos nós/ a marchar/ sob um lindo céu/ sempre a brilhar// trab...[interrompida]

(b1) – Pára com essa cantoria besta! Não sei como você pode cantar quando está com fome!

(b2) – É melhor secar, de fome ou de outra maneira, já que existem muitas, estando feliz do que estando infeliz.

(b1) – Que diferença faz? Vamos secar de todo modo...

(b2) – Muita diferença! Para quem soube procurar ser livre para ser feliz, a vida não terá sido em vão! [retorna o canto] Dó, dó, sol/ rit...[interrompida novamente]

(b1) – Tenha dó! Você é maluca, sabia? Como alguém pode ser feliz quando vai secar. Secar é triste! Que estupidez!

(b2) – Tenho dó, tenho ré, mi, fá, sol, lá, si... Já percebeu que, com apenas sete notas, se fazem diversas e inúmeras canções e sinfonias? É mesmo das pequenas coisas que, unidas, se forma resultado maior do que a soma; assim são construídas as melhores coisas na vida. Isso se chama sinergia.

(b1) – Está bom! Sei, sei....

(b2) – Se considerarmos nossa própria morte como triste, então a vida será triste. A morte de outras que amamos pode ser uma tristeza boa das saudades pela alegria com que vivemos em companhia. Muito embora a tristeza na vida, essa de considerar o próprio desaparecer, possa estar sendo disfarçada por muitas. A morte, se não for feliz, também não pode ser triste.

(b1) – Pelo amor de Deus! Você falou tanto que minha cabeça está até doendo! Acho que essa mistura de caminhar e pensar está mesmo é me dando mais fome. Isso pode me deixar fraca e aí eu posso secar de repente.

(b2) – Morrer é sempre de repente. Não há como prever isso!

(b1) - ....

(b2) – Se ficarmos vigiando os momentos não haverá como vivê-los, is...[interrompida outra vez]

(b1) – E o suicídio, heim? Quando uma de nós se joga debaixo de uma nuvem de inseticida, por exemplo? É de repente!

(b2) – Quando há o suicídio, aquilo já vinha sendo gestado, mesmo que inconscientemente. Isso estava, no mínimo, latente, como uma autofagia.

(b1) – Hmpft!

(b2) – [reiniciando o canto] Dó, dó, s...[nova interrupção]

(b1) – Então, se já estava planejado, não se trata de um suicídio de repente? Claro que o suicida decide ali o ato! Acontece naquele exato instante!

(b2) – Minha mãe dizia “cuidado com os seus desejos, porque eles podem ser realizados”.

(b1) – É disso que eu estou falando! O desejo é bom, porque a gente só deseja para nós mesmos o bem!

(b2) – Pode ser, mas eu duvido. Pelo que sei, em algum momento da vida, as baratas pensam “Oh! Não! Eu queria morrer”, quando as coisas parecem não dar certo.

(b1) – Isso é só força de expressão! Tolice!

(b2) – Pode ser, pode ser...Mas é da expressão da mente que ocorrem as nossas ações.

(b1) – Força da mente, força da mente... Fosse assim, então, já teríamos encontrado comida. Já estamos na cozinha e observo que tudo parece estar bem limpinho sem comida alguma.

(b2) – No final, vai dar tudo certo!

(b1) – Pára com isso! No final pode dar certo ou não! É suposição! Não há como prever!

(b2) – No final, vai dar tudo certo, porque se não deu certo, é sinal de que ainda não chegou o final. É o que sei...

(b1) – [zombando] Ha!...Ha!...Ha! Por que você não cala a boca e ajuda a encontrar a comida, essa sim a felicidade e, o que eu sei com certeza, que pode ser o certo.

(b2) – Pensar não me impede de olhar. E vice-versa. Aqui está tudo tão limpinho e com cheiro de pinho que, desconfio, se encontrarmos comida pode ser veneno.

(b1) – Ah! Cadê o otimista? Onde foi parar aquela autoconfiança? Desconfia? Está vendo?

(b2) – Minha mãe também me disse “vigiai e orai”. Isso quer dizer que, primeiro se verifica se o templo vai cair antes de se ajoelhar, por exemplo.

(b1) – Se você vai ficar escolhendo muito vai ficar sem comer nada.

(b2) – Dou valor ao meu estômago.

(b1) – Já, eu, dou valor a não ter fome!

(b2) – Subsistir, na verdade, é estar conforme consigo mesmo. O melhor e maior alimento material não sana a fome da alma.

(b1) – Mas se você estiver alimentada, você pode cuidar da alma!

(b2) – É uma questão de prioridades. É mais fácil conseguir o alimento material de qualidade quando se está bem alimentado espiritualmente. Senão, o que se come não tem gosto ou sabor.

(b1) – Ninguém vive de brisa!

(b2) – É verdade apenas, se somente de brisa. Mas sem o oxigênio da brisa, pode-se ter a comida mais nutritiva, que não se vive.

(b1) – Hum! Espera um pouco! Ali! Embaixo da pia! Açúcar! [b1 corre para lá]

(b2) – Embaixo da pia, pelo contraste com o piso branco, se fica muito exposta...

Pá!... Uma chinelada acerta b1, que agoniza. Corre b2, então, se esconde na fresta do armário e aguarda um pouco.

(b2) – [falando consigo mesma] Bem disse minha mãe: “estômago vazio não tem ouvidos”.

A luz da cozinha se apaga. Nesse momento, b2 corre para o lado de b1, que está de costas para o piso, quase morta.

(b2) – Ah! Companheira! Está aí o final. Daquilo que ninguém escapa ou escapará. Minha mãe sempre dizia “região misteriosa, fronteira de onde nenhum viajante retornou”. A única certeza verdadeira. O final.

(b1) – [balbuciando] Como... pode... ainda... falar... isso? ... Como ... dizer... que... deu... certo?

(b2) – Oh! Companheira! O certo está na certeza. E a certeza é isso, quando todos os “is” recebem o pingo finalizador de letra.

(b1) – [quase sem vida] ...E... isso...é...ser...feliz?

(b2) – A felicidade, amiga, está no caminho!

FIM